

Em busca da afinação no Coral Infantil como meio de musicalizar no Programa do PIBID de Música no UNASP

Ailen Rose Balog de Lima

Centro Universitário Adventista - UNASP

ailen.lima@unasp.edu.br

Paulo Jeovani dos Santos Junior

Centro Universitário Adventista - UNASP

paulo_jeovani@hotmail.com

Resumo: Este presente trabalho tem como objetivo dialogar a respeito de maneiras e métodos de musicalização que estão presentes na prática de canto coral infantil. Esse trabalho, patrocinado pelo PIBID - Música do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Campus Engenheiro Coelho, está sendo realizado em uma escola de ensino fundamental I com crianças de 4º e 5º ano, que frequentam a escola no período de contra turno de suas aulas normais. Uma das grandes dificuldades no canto infantil, especialmente de alunos de uma escola de periferia que não tiveram vivências musicais satisfatórias, é a falta de afinação e noções de alturas. Encontramos muitas crianças que não sabiam diferenciar o canto da fala natural, que também não conseguiam diferenciar notas agudas de notas graves, somente conseguindo fazer isso em contrastes muito grandes. Procuramos através de metodologias voltadas para a educação musical infantil, como a manossolfa de Kodaly, entre várias atividades de musicalização que trabalham de forma lúdica conceitos musicais, além da criação de rotinas de ensaio que trabalham o treino e aquecimento da voz, correta articulação e entonação vocal, entre outros conceitos importantes.

Palavras chave: Canto Coral; Educação Musical; Musicalização Infantil.

Introdução

O canto coral é uma das atividades musicais mais antigas que se tem notícia na história da humanidade. O canto em si é uma prática que remonta tempos mais antigos do aprendizado musical humano. Desde relatos bíblicos, Grécia antiga, passando pelo canto gregoriano e toda prática musical da música ocidental, oriental, onde quer que há ser humano, há música e há a experiência do canto. É possível enumerarmos muitos benefícios do canto coral, principalmente no que tange ao ensino de música. O canto é uma atividade que além de musical também é corporal, transforma o próprio corpo, a voz, em um instrumento musical. É um tipo de vivência musical de acesso simples, pois exige

pouquíssimos recursos, além do material humano. Por isso, e entre outros motivos, o canto coral é uma ferramenta de musicalização muito adequada ao ambiente escolar.

Porém, o que ao mesmo tempo parece ser uma atividade simples, também é uma atividade que exige muita competência didático-musical do professor, para que os ensaios e toda a prática possa ser de fato uma ferramenta metodológica eficiente em ensinar a música como uma forma de linguagem e expressão artística. Do contrário, o profissional encontrará e até mesmo criará em alguns casos muitos problemas e dificuldades que podem comprometer a eficiência da prática do canto coral como uma forma de musicalizar. Problemas esses que podem ser simplesmente a não eficiência da musicalização, a até mesmo a danificação das pregas vocais dos alunos, por uso de alturas e tessitura inadequadas ao coro infantil.

Uma das grandes dificuldades que profissionais que trabalham com canto coral infantil, principalmente em ambiente escolar, é a dificuldade com a afinação do grupo. Nesse trabalho estamos abordando algumas dificuldades encontradas com alunos da oficina de canto coral, promovida pelo PIBID Música em uma escola na cidade de Artur Nogueira, e como lidamos com essas dificuldades, visando a melhoria do senso de afinação e percepção musical da altura do som, indispensável para uma prática de canto. Através do uso da manossolfa e outras atividades de percepção musical, voltadas para a faixa etária em questão, 9 e 10 anos, buscamos despertar os ouvidos dos alunos para a percepção de diferenças de altura, a nossa maior preocupação. E também foi promovido atividades de vocalização, visando o treino e uso adequado da voz, que faz parte da fisiologia humana, utilizando-se de músculos e correta respiração, dando, portanto, atenção a esse tipo de ensino.

Musicalizando o Coral Infantil

Existem muitas maneiras de se trabalhar música com crianças em idade escolar. Há a prática e ensino de instrumentos, há a possibilidade de se lecionar aulas de música realizadas dentro de uma sala de aula e há também a prática do canto. Todas elas são válidas se bem trabalhadas, mas a prática do canto tem alguns diferenciais que a tornam

única. O primeiro, já citado, é a facilidade de se formar um coral, que exigem somente espaço para ensaios, pessoas interessadas, um profissional habilitado a reger o coro, um instrumentista com um instrumento harmônico, ou na ausência desse recurso, algum tipo de recurso de equipamento de áudio, podendo ser uma caixa amplificadora de som para se usar uma faixa de áudio playback, que pode estar em um notebook ou em um CD.

A prática do canto também abrange o ensino de conceitos musicais, assim como outros métodos de musicalização, mas talvez de forma mais eficiente. O canto correto exige dos coralistas a percepção musical, boa respiração, expressividade, escuta ativa, concentração, senso de ritmo. A prática do canto em sua modalidade coral também contribui muito com a sociabilidade, o senso de trabalho em grupo, sensibilidade artística, auto expressão, sendo também usada como ferramenta de inclusão social, de formação de senso crítico, entre inúmeras outras contribuições para o desenvolvimento do ser humano.

É consenso entre os educadores o benefício da prática do canto coral, para a criança em ambiente escolar. Raramente não se há apoio para esse tipo de prática metodológica. O desafio está em fazer dessa prática um meio eficiente de se ensinar música. Muitas vezes a prática do canto coral infantil é feita sem se dar a devida atenção para a expressividade, a afinação, o senso rítmico, entre outros fatores exclusivos da linguagem musical, porque muitas vezes o profissional que rege o coro infantil não tem essas competências musicais desenvolvidas, usando o coral apenas como uma “vitrine” para divulgação da escola. Mas a atividade musical em si, muitas vezes deixa a desejar. Nesse sentido, Schimiti dá um conselho:

Mesmo em canções bastante simples, muitas vezes executadas em uníssono, procuremos exercitar a afinação, ensinar as crianças a ouvir (atividade que precisa ser desenvolvida), explorar o ato da respiração para termos como resultado um som pleno, com energia e com foco, aproveitando para desenvolver conceitos de expressividade e de fraseado (SCHIMITI, 2003, p. 35).

A afinação, como já dito, é o quesito mais esquecido nessas práticas ineficientes de canto coral infantil, seguido de outros parâmetros importantes, como expressividade, atenção, respiração.

A afinação é definida da seguinte maneira:

O termo afinação pode ser definido como um estado de perfeito acordo entre as notas de um instrumento, de uma orquestra, de um grupo vocal, de um conjunto musical ou da voz humana. Ajuste de um instrumento ao tom de outro ou de uma voz (HOUAISS, 2001, p. 103).

Ajustar a frequência da voz, de forma que ela fique afinada com um tom musical desejado é uma tarefa que exige percepção e controle da musculatura envolvida no canto, musculatura essa que também envolve a correta respiração, não só o controle das pregas vocais. Para isso é necessário que o regente de um coro infantil sempre esteja trabalhando vocalizes e aquecimentos vocais e corporais para que o canto se torne mais eficiente.

Caso esses cuidados não sejam tomados, há muitos problemas que podem surgir da prática errada do canto coral infantil, principalmente no que concerne a escolha errada de repertório e tessitura a ser trabalhada com as crianças, como Andrade observa:

Falando, exclusivamente, de crianças, os apontamentos de Bartle (2003, p. 7 - 8) e Sesc (1997, p. 40) se assemelham, no que diz respeito a problemas orgânicos, temperamento, repertório inadequado e desconhecimento técnico. Como exemplos, uma criança pode não afinar vocalmente por possuir voz rouca, com excesso de ar, estridente, anasalada, não compatível com a idade cronológica, podendo possuir nódulos ou pólipos, resultantes de maus hábitos vocais e alergias. Pode ser tímida, sem autoconfiança, inerte ou possuir pequena capacidade de concentração, comprometendo sua memória auditiva. Além de possuir uma postura corporal incorreta e respiração deficiente, o repertório ao qual elas são submetidas, cotidianamente, pode não corresponder à sua tessitura vocal. Ou seja, esse tipo de música não corresponde ao número de notas da mais grave a mais aguda que as crianças conseguem cantar com melhor sonoridade, naturalidade e expressividade (ANDRADE, 2010, p. 27).

Por outro lado, há os profissionais que, temendo encontrar essas dificuldades, acabam por selecionando para o coro somente crianças que já tem desenvolvida em certo grau a percepção musical, fazendo da prática, que deveria ser além de tudo uma ferramenta

de inclusão social, um meio de exclusão. Muitas vezes essa prática se dá pela crença no mito do dom musical, quando o regente acredita que a música não é para todos; é somente para alguns agraciados são capazes de afinar.

Sobre isso, Bartle afirma que:

Todas as crianças podem ser ensinadas a cantar se elas começarem sua descoberta vocal pessoal desde muito cedo e se elas são ensinadas por alguém que não apenas acredita que toda criança pode cantar, mas também possui as competências para ensiná-la a cantar. Às crianças nunca, jamais, deve ser dito que elas não podem cantar (2003, p. 10).

A prática da seleção de aluno para o coral, visando a exclusão de alunos tidos como “desafinados”, incapazes de cantar, mostra na verdade a incompetência do profissional e a falta de preparo do regente em lidar com situações de ensino de música. Dentro de um contexto escolar principalmente, esse tipo de prática não deve ser estimulado.

Visando superar a dificuldade da afinação, Bartle, citado por Andrade, dá algumas dicas metodológicas:

Para trabalhar afinação, o autor possibilita o desenvolvimento da voz cantada das crianças por meio de quatro estratégias: explorando sons vocais, escolhendo o material de canção apropriado, fazendo-as cantar individualmente e gravando músicas a serem posteriormente escutadas (ANDRADE, 2010, p. 30).

A exploração vocal é um meio bastante eficaz de se trabalhar o senso de altura. Trabalhando de forma lúdica, por exemplo, é possível imitar sons da natureza ou do cotidiano, o mugido do boi para graves e miados do gato para agudos, para ensinar a criança o senso de altura, de forma que ela perceba pela exploração dos sons de sua voz, que é possível executar diferentes alturas, entonações, articulações, e outros.

Ao escolher repertório adequado, é preciso estar atento a vários detalhes que fazem toda a diferença na hora de colocar o coro infantil para cantar: se a música escolhida é adequada a faixa etária trabalhada, no que tange ao estilo musical e a letra, se a nota mais aguda e mais grave da música ultrapassa muito ou não a extensão de uma oitava e se a tonalidade está adequada a tessitura do coro infantil trabalhado. O uso da gravação é uma

ferramenta também muito eficaz de se observar os erros e acertos, onde as crianças podem melhorar. As crianças ao ouvirem o próprio resultado sonoro podem ser levadas a refletir sobre sua prática, se está suficiente ou não, se podem melhorar, etc.

Uma forma também bastante eficaz de se ensinar a percepção das alturas, porém em um contexto musical, é o uso da manossolfa. Silva conceitua:

A manossolfa é uma sequência de gestos manuais utilizada na aprendizagem de alturas. Cada altura possui um gesto correspondente. (...) A manossolfa, independente da partitura musical, torna o solfejo visualmente concreto, um fator importante na aprendizagem de iniciantes em música. Ela reforça a sensação intervalar, auxilia na visualização espacial da direção sonora (agudo-grave, grave-agudo) e na relação entre as alturas cantadas. Colabora ainda no desenvolvimento da memória musical e no treinamento auditivo. Pode-se dizer que a manossolfa é um “solfejo gestual” (SILVA, 2010, p. 45).

Ao se ensinar às crianças o conceito de nota musical e escala, que as notas “sobem e descem” em “degraus” na pauta, onde, em cada um desses degraus tem um gesto correspondente, e com isso ocorre um auxílio muito grande na compreensão intervalar da melodia por parte dos alunos. A prática desse solfejo gestual torna a melodia mais concreta e visual, melhorando a percepção musical dos coralistas e conseqüentemente melhorando a afinação.

Alunos do PIBID ensaiando o Coral

Como dito, nossa proposta com a oficina de coral do PIBID Música, realizada semanalmente no CAIC - Centro de Atendimento Integral a Criança, de Artur Nogueira - interior de São Paulo, nesse semestre foi trabalhar com metodologias que visam a melhora principalmente da afinação do coro infantil.

O coro é composto por crianças de 9 a 10 anos, que estudam no período da manhã, no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Como as oficinas do PIBID Música acontecem no período da tarde, elas retornam a escola após o almoço para a oficina. Nenhuma criança é obrigada a participar, mas todas estão por livre e espontânea vontade, com o consentimento dos pais de forma escrita. Portanto, lidar com a disciplina não foi um grande problema.

O primeiro passo, antes de começar as atividades do coral no semestre, foi realizar um planejamento semestral, escolhendo o repertório a ser trabalhado durante o semestre, o número de músicas, as tonalidades, estilos musicais, e definindo uma rotina de ensaio. Criamos um cronograma de ensaio que foi seguido em todos os ensaios, cronograma esse que era flexível, definindo somente as partes do ensaio. Cada parte da rotina do ensaio variava de acordo com a atividade proposta no dia.

Dividimos o ensaio em quatro partes: aquecimentos, músicas novas, músicas antigas e dinâmica. Cada uma dessas partes era direcionada por um dos alunos PIBIDIANOS que dirigem a oficina de coral. A cada ensaio nos revezamos entre as tarefas, para que haja crescimento profissional de todos. Nos aquecimentos, foram realizados: movimentação corporal, alongamentos, aquecimentos vocais e exercícios de vocalize variados. Sempre utilizamos atividades lúdicas para incrementar os aquecimentos e vocalizes. Por exemplo, utilizávamos situações imaginadas, faz-de-conta, em que o professor “colava” os pés das crianças e em seguida um “terremoto” acontecia, fazendo todos se movimentarem bastante. Sempre utilizávamos as brincadeiras imaginativas para fazer os aquecimentos e alongamentos corporais diversos.

O mesmo ocorria com os aquecimentos vocais, como imitar o som da moto, fazendo os lábios vibrarem em “br” e variando as alturas, simulando o acelerador da moto. Nos vocalizes, utilizávamos sílabas e frases que soassem divertidas, como “scoobydoo” e “iabadabadu”, fazendo escalas maiores ascendentes e descendentes, subindo e descendo de meio em meio tom, entre outros tipos e variações de vocalizes.

Em todos os ensaios, após os aquecimentos, mas dentro ainda dessa parte, ensinamos e treinamos a manossolfa, cantando a escala ascendente e descendente, ou o arpejo de dó maior, variando de forma randômica as alturas entre dó, mi e sol.

Na parte que nomeamos de “músicas novas”, era o momento em que ensaiávamos as músicas mais recentes que foram ensinadas a eles, e às vezes era de fato coincidentemente uma música “nova”. Como o coro já existe desde o início de 2014, a parte “músicas antigas” era o momento em que ensaiávamos músicas do semestre anterior, já conhecida e dominada por eles, no que concerne a letra e melodia.

A parte “dinâmica” era o momento em que fazíamos algumas atividades de musicalização não relacionada a canto, contávamos uma história com objetivo musical ou moral, apresentávamos brincadeiras e jogos musicais.

O repertório selecionado visou o desenvolvimento das competências que estamos buscando trabalhar no coral, principalmente afinação. Escolhemos como uma das músicas do repertório uma de Chico Buarque, Minha Canção, onde cada frase inicia com a sílaba de uma nota musical, na escala de dó maior, ascendente de descendente. Aliada a essa música ensinamos a manossolfa, para que eles fizessem os gestos a medida que fossem cantando e passassem pelos diversos graus.

No repertório também haviam canções folclóricas, infantis, algumas que visavam o aprendizado de articulações, e outras que trabalham com cânones, de forma a trabalhar a atenção e a concentração. Um dos grandes projetos também foi a realização de um recital de fim de ano com essas músicas e um recital sobre a Criação do mundo, da perspectiva bíblica. A escola, apesar de ser pública, deu essa abertura para que fosse realizada essa atividade cultural, o que nos deu um grande incentivo.

O coral dessa oficina é bem motivado e gosta de cantar, apesar das dificuldades. Como esse grupo já está fazendo parte deste projeto durante um ano, ao longo deste tempo pudemos ver muitos progressos em todas as áreas do canto desde a afinação, articulação, respiração e expressividade, quando realizamos apresentações na escola para os pais e comunidade.

Os alunos têm mostrado senso de afinação superior em comparação ao início dos ensaios e tem desenvolvido muitas melhoras na memória musical de frases, letras e forma musical. É notável o desenvolvimento musical dos alunos que frequentam as aulas de canto coral em comparação com os alunos que não frequentam. Eventualmente desenvolvemos algumas atividades que envolvem canto em outras classes de musicalização que também trabalhamos além da oficina de coral, e a diferença em relação a esses parâmetros é muito perceptível.

Conclusão

Ficou muito claro para nós que é necessário dar oportunidade, motivação certa e empregar uma metodologia correta e com profissionais que dominam uma sala de aula, para manter o conteúdo interessante. É preciso saber lidar com a disciplina em sala de aula e dominar bem a oratória, pois assim os alunos sem dúvida melhorarão em tudo que for proposto, desde que dentro da possibilidade deles, levando em conta o que eles já sabem fazer e o que eles conseguem aprender partindo daquilo que eles sabem.

Os alunos do PIBID de Música do UNASP que dirigem a oficina de coral estão aprendendo com este projeto a dominar bem a didática de sala de aula realizando as atividades planejadas com consciência na realidade apresentada. É importante ressaltar que quando as atividades não foram realizadas de forma coerente, o rendimento e a atenção dos alunos foram menores. Por isso, faz-se necessário que o profissional domine bem os conteúdos e saiba como dominar uma sala de aula, sem ficar nervoso na frente dos alunos, falar com autoridade, clareza e didática.

Quando um músico educador domina bem os conteúdos de canto, principalmente as questões técnicas da adequação de repertório ao canto infantil, entende a música como uma forma de linguagem, acessível a todos, fazendo da música uma forma de inclusão cultural e social, além de dominar a disciplina e autoridade em sala de aula, e dominando a didática do ensino, as chances de que as atividades propostas por esse educador não tenham êxito são praticamente nulas.

O canto coral é uma prática metodológica muito eficiente no ensino de conceitos musicais, na ampliação de senso crítico em relação ao fazer artístico, desenvolve a sensibilidade estética para a arte de modo geral, desenvolve a expressividade corporal e musical e contribui grandemente para o desenvolvimento integral das crianças como seres humanos. Ao se apropriar desse bem cultural que é o canto coral, a criança tem a oportunidade de criar laços sociais, sendo de trabalho em grupo, promove a inclusão social e cultural dos alunos no mundo da música.

Como já dito, os benefícios da prática de canto coral infantil feita de maneira correta, bem planejada, seguindo os conceitos das propriedades do som, afinação, exercícios vocais apropriados para a faixa etária, se torna uma prática eficiente, e altamente recomendável para o ambiente escolar.

Pode-se perceber que com o auxílio das aulas de musicalização de forma lúdica, foram incentivos para aprender de forma mais agradável alguns conceitos musicais, e dentro dos ensaios do coral foram criados elementos de rotina para trabalhar os conteúdos musicais como o aquecimento da voz com uma articulação e entonação precisa, cantar as notas com manossolfa, mas em especial puderam perceber a alegria de cantar em grupo.

Acredita-se que a continuidade no desenvolvimento de pesquisas para o canto coral que incentivem os alunos do PIBID, venha contribuir para a conscientização sobre os verdadeiros potenciais desta prática e, quem sabe, contribuir para o desenvolvimento de projetos e ações ligadas à valorização da educação musical.

Referências

ANDRADE, Débora. *A Metodologia de Bartle para o trabalho com crianças desafinadas por meio do canto coral: uma prática inclusiva*. Revista Tecer, vol. 3, nº 4. Belo Horizonte: Maio, 2010. Disponível em:

[https://www.academia.edu/2192866/A Metodologia de Bartle para o trabalho com cri an%C3%A7as desafinadas por meio do canto coral uma pr%C3%A1tica inclusiva](https://www.academia.edu/2192866/A_Metodologia_de_Bartle_para_o_trabalho_com_crian%C3%A7as_desafinadas_por_meio_do_canto_coral_uma_pr%C3%A1tica_inclusiva)

Acesso em: 26 abril 2015.

BARTLE, Jean A. *Sound advice: becoming a better children's choir conductor*. Canadá: Oxford University Press, 2003.

HOUAISS, Antonio. (Ed.) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SESC. *Canto, canção, cantoria: Como montar um coral infantil*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: SESC, 1997.

SCHIMITI, Lucy M. *Regendo um coro infantil: reflexões, diretrizes e atividades*. Revista Canto Coral, Ano II, Nº 1. Londrina: UEL, 2003. Disponível em:

[http://www.uel.br/pos/musica/pages/arquivos/Regendo um coro infantil.pdf](http://www.uel.br/pos/musica/pages/arquivos/Regendo_um_coro_infantil.pdf) Acesso em: 20 março 2015.

SILVA, Walênia M. In: ILARI, Beatriz Senoi; MATEIRO, Teresa (org.). *Zóltan Kodaly: Alfabetização e habilidades musicais*. Pedagogias em Educação Musical. Cap. 2. Curitiba: Ibplex, 2010.